



Sindicato da Carreira de Investigação e Fiscalização Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

20 DN SCIF2014 DE 30/05/2014

DISCURSO PRESIDENTE SCIF – XVII CONGRESSO

EXCELÊNCIAS

Em primeiro lugar gostaria de dar as boas vindas a todos os presentes, agradecendo a Vossa comparência neste magnífico espaço e nesta sessão solene de abertura do XVII Congresso do Sindicato da Carreira de Investigação e Fiscalização, representando os inspetores do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Quero endereçar um especial agradecimento, na pessoa do Sr. Representante da Câmara Municipal, à mui nobre e invicta Cidade do Porto que, como sempre, é um expoente superior na arte de bem receber quem procura novos caminhos para Portugal.

Se um congresso sindical é um local de discussão política e estratégica de uma classe profissional, o SCIF/SEF sempre entendeu que a sua atuação não se devia limitar aos interesses corporativos: os seus inspetores são servidores públicos, têm o interesse público sempre no horizonte da sua atuação. Quando interpelamos os governos, ou os diretores-gerais, quando fazemos críticas ou convocamos greves – *como parece que, infelizmente, teremos de convocar uma este Verão...* – é sempre o interesse público que nos move. Nós, os inspetores do SEF, temos bem clara a importância das nossas tarefas para garantir a segurança e a liberdade de circulação aos portugueses e a todos os estrangeiros que visitem ou atravessem Portugal.

“Segurança” e “liberdade de circulação” – é difícil encontrar dois valores, dois bens públicos, mais nobres para dedicar uma carreira profissional. Temos essa honra e, também, essa responsabilidade, uma vez que nos cabe igualmente estar na primeira linha da identificação e do combate às terríveis redes transnacionais de crime organizado, entre as quais avultam tráficos vários, nomeadamente o tráfico humano: este é um dos crimes mais cruéis que existem, porque as suas vítimas, seja para a exploração sexual ou laboral, para a mendicância ou para a extração de órgãos, são sujeitas a extrema violência física e psicológica.

Essas vítimas esperam que os inspetores do SEF as protejam, as resgatem, as libertem, as salvem dos seus algozes. Essa é, aliás, uma das principais vocações do nosso trabalho: encontrar um equilíbrio entre auxiliar vítimas;

identificar, perseguir e entregar criminosos à justiça;

e proteger a sociedade portuguesa e os países europeus de que Portugal é fronteira aérea e marítima dos ataques à segurança e à liberdade de circulação, nomeadamente do terrorismo.

Quem trabalha com matéria e questões tão sensíveis, quem tem a seu cargo a defesa de valores tão fundamentais para as sociedades europeias estruturadas em estados de direito livres e soberanos, tem de incluir a sociedade civil e o mundo político



Sindicato da Carreira de Investigação e Fiscalização Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

nas suas reflexões, abrindo portas a novas ideias, propostas e soluções para um futuro melhor para o país e para a Europa.

Hoje podemos contar com os excelentes contributos de um grupo de oradores cuja reflexão muito honrará este seminário que faz parte integrante do Congresso do SCIF/SEF. E só não poderemos contar com mais contributos porque os deputados que convidámos, e que aceitaram, vir a este seminário, acabaram ontem, todos sem exceção, por anular a sua vinda devido ao conturbado momento político que os seus partidos vivem em consequência dos resultados das últimas eleições europeias. Temos pena, muito pena de que seja assim, mas, como dizia um ex-primeiro-ministro, “é da vida”...

Hoje, no rescaldo das eleições Europeias, num conturbado momento económico, social e político, em que velhos fantasmas voltam a assombrar a sociedade, falar de liberdade de circulação é falar na mais importante conquista da Europa moderna. O que no tempo de Erasmo de Roterdão era algo a que poucos tinham acesso, hoje é um direito inato à grande maioria dos Europeus.

E falar de liberdade de circulação é falar de quem todos os dias garante a existência deste direito, é falar das mulheres e homens que todos os dias garantem a segurança dos que cruzam as fronteiras externas, combatem o hediondo crime do tráfico de seres humanos, regulam os fluxos de imigração ou garantem a primeira linha de apoio a refugiados, entre uma miríade de missões.

Na sociedade portuguesa o contributo dos inspetores do SEF está presente nas mais variadas áreas, desde a económica, a académica ou a cultural. Não podemos esquecer os processos de concessão de vistos para investidores, estudantes ou profissionais altamente qualificados. Na dinâmica de uma sociedade moderna, o papel dos serviços de imigração e fronteiras implica um relacionamento pró-ativo, descentralizado e de proximidade com entidades públicas e privadas.

As portuguesas e os portugueses vão conhecendo o nosso trabalho. Os mais de vinte anos que nos separam do início do SEF elevaram este serviço a um estatuto de qualidade com paralelo em apenas um reduzido número de instituições do Estado. E, mais do que as inovações tecnológicas ou outras dinâmicas de gestão, este é o fruto do trabalho das mulheres e homens que aí laboram diariamente. É assim que se cria uma “super-brand”, uma grande marca!

Porém, durante o ano que passou, assistimos a um Governo que empurra os profissionais das forças e serviços de segurança para o protesto conjunto, sinal das dificuldades que este sector fundamental do Estado de direito democrático atravessa. Parafraseando o ex-reitor da Universidade de Lisboa, Sampaio da Nóvoa, a crise serviu a este Governo, e serve, como “instrumento de dominação” usada para “legitimar ideias que, de outra forma, nenhum de nós, estaria disposto a aceitar”.

A este paradigma é necessário, e imperioso, dizer basta!

É a segurança das fronteiras portuguesas que está em causa e, com elas, a segurança da Europa inteira! Diariamente é colocada sobre nós, inspetores, a incapacidade de a Direção do SEF se fazer ouvir junto do Governo. Diariamente, por



Sindicato da Carreira de Investigação e Fiscalização Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

insuficiência de meios humanos de um serviço onde não entra um elemento há dez anos, a segurança de um país, e da União Europeia no seu conjunto, é posta em causa.

Vou dar aqui dois exemplos da falta extrema de pessoal:

O Aeroporto de Faro é um desses casos onde a Direção do SEF pretende “premiar” os funcionários já assoberbados de trabalho com um ilegal aumento da carga horária com o propósito de escamotear a sua própria incapacidade.

Com esta solução de recurso, a Direção Nacional pretende fazer boa figura perante o ministro, mas é uma ameaça ao bom funcionamento dos postos de fronteira em época alta de turismo.

Já no tocante à Frontex, agência da União Europeia para as fronteiras, na qual os inspetores do SEF gozam de altíssima reputação, vemos a nossa representação diminuída e até ameaçada pois não consegue dar resposta às solicitações da própria agência, ficando a participação no limiar da representatividade.

A sobrecarga laboral dos inspetores do SEF atingiu um ponto inqualificável, resultado do aumento das horas de trabalho e do incremento das tarefas por funcionário, com o fim de camuflar a exiguidade de quadros a que chegámos. É um problema que, aliado à cada vez mais elevada média de idade destes profissionais, irá, sem dúvida, e a muito curto prazo, fazer ruir todo um edifício que se construiu ao longo dos últimos anos.

O Governo, e nomeadamente os ministros Miguel Macedo e Maria Luísa Albuquerque, devido às suas políticas, estão a empurrar os profissionais dos serviços e forças de segurança para situações que os impedem de desempenhar as suas missões com eficiência e eficácia.

O que se tem verificado é que, ao mesmo tempo que o trânsito de pessoas nas fronteiras portuárias e aeroportuárias cresce exponencialmente, o serviço responsável pela sua segurança - o SEF - tem sido espoliado de condições de trabalho.

As agendas políticas prejudicam o prestígio e a autoridade do Estado. Cede-se ao populismo e privilegiam os que, devido ao seu número, os podem incomodar mais com greves e manifestações. Em contrapartida, desprezam os corpos e os serviços mais modernos, mais eficientes e com maior relevo para a segurança, apenas por terem um efetivo menor. Fazem tudo ao contrário do que devia ser a reforma do Estado que este Governo não fez.

Em suma: o nosso trabalho não pode depender de ciclos políticos. Nós, inspetores do SEF, encaramos a nossa profissão como um desígnio de vida, lutando por um Portugal e por uma Europa mais seguros, mais livres e cada vez mais modernos.

Muito obrigado a todos.

Acácio Pereira
(Presidente SCIF)